



Dossiê Copesquisa

■.....Apresentação

Ao apresentar este dossiê organizado ao redor da copesquisa, é preciso esclarecer que a copesquisa não se refere a um método pronto, que caberia ao pesquisador conhecer e a partir daí adotar. A copesquisa não é propriamente uma tarefa a fazer-se, situada no futuro como mais uma opção disponível no “mercado de metodologias”.

A experiência de exploração, degradação e violência sistemática - sobre o que se calca o regime capitalista - é um imediato. Como é um imediato a vivência comum de resistência, reinvenção e criatividade que insiste em se deslocar da ordem capitalista. Essas vivências, de dores e alegrias, de amores e ódios, animam saberes "desde baixo", saberes vivos, compartilhados incessantemente e de maneira transversal, entre aqueles que criam, produzem e batalham.

Parte da reação do poder constituído consiste em desqualificar, interditar e destruir tais saberes, e parte dele consiste em neutralizá-los esvaziando o seu conteúdo antagonista e subversivo, para que possam ser convertidos em valor (trabalho morto) e reprodução do status quo. Daí, nesse processo de amortecimento, a força transformadora da diferença costumeiramente ser reduzida a multiculturalismo, a sublevação das raças à coabitação étnica, os devires às identidades, a liberdade produtiva da multidão a um liberalismo modernoso 2.0, e assim por diante.

Quando se fala em copesquisa, tem-se em mente uma atividade que *já está*, com densidade histórico-política. A copesquisa não pára de acontecer no interior do ciclo de lutas em andamento, uma vez que as práticas de resistência e criação estão impregnadas de teorias (e vice-versa), e as transformações das práticas de transformações da teoria (e vice-versa). Ao chegar a “campo”, o pesquisador já encontra uma copesquisa em permanente estado de nascença, essencialmente inacabada e precária, como atividade de co-engendramento no bojo das lutas, recusas e bacias do trabalho vivo.

Mais modestamente do que aplicar um método numa substância empírica, o que o copesquisador faz é sintonizar-se à tendência que o ciclo de lutas aponta, enquanto recomposição das forças vivas do trabalho, noutras palavras, recomposição de classe. Essa sintonia depende de uma relação diferencial com os sujeitos “em campo”, com dimensão produtiva e colaborativa. Por isso, a copesquisa não pode deixar de investigar e se inscrever nos modos de cooperação que acompanham (e sobredeterminam) cada forma de vida e socialidade. A coopera-

ção é, afinal, a base maior da copesquisa, seu ponto de partida e linha de chegada, em ciclo virtuoso.

Além disso, não se decide fazer copesquisa porque não exista uma crise candente em curso, ou se tenha dificuldade em dirimir-lhe as coordenadas, e então seria preciso voltar à prancheta. A copesquisa está associada cumulativa e diretamente à organização e à autonomia, em tempos mais “quentes” ou “frios”. A “tempo quente”, se lança no coração dos tumultos, da imaginação em marcha de onde disparam as tendências do novo mundo a brotar de dentro deste. A “tempo frio”, mantém relação direta e preferencial com os movimentos constituintes, mais ou menos “orgânicos”, de todo modo conectados à franja de criatividade que gera e propaga alternativas.